

1 - Caroline

E: E atualmente você trabalha com alguma coisa?

P: Eu sou consultora de vendas, mas eu estou afastada. Mas mês que vem eu já volto a trabalhar, eu acho.

C: E como é que tá sendo isso? De ter que voltar a trabalhar?

P: Eu já estou em pânico desde janeiro pensando nisso, pensando como é que vai se adaptação na escola, como é que vai ser pra ela, se vai pegar a fórmula. A bendita fórmula.

E: E você começou a introdução da fórmula ou ainda está peito?

C: Comecei este mês.

E: E como é que tá sendo?

C: No começo, foi bem difícil, agora que ela está começando a tomar mais e para dormir é só o “tete” (leite materno) depois.

E: E você se autodeclara parda ou preta?

C: Sou parda, eu não sei se existe pardo.

E: No IBGE existe.

C: Então sou parda.

E: Você se autodeclara uma mulher, homem, não binária, trans?

C: Mulher.

E: E a orientação sexual? Você se relaciona com mulheres, homens? Atualmente você tem algum parceiro?

C: sim, sim.

E: Agora a gente vai começar as perguntas em si. E aí, fique à vontade para falar dos detalhes, eu quero sentir que eu estava lá, entendeu? Vivendo com você, pode ser? Quantas gestações você já teve?

C: Espera aí só levantar aqui que ela tá agitada. Calma aí, deixa eu pegar ela aqui, vem cá. Olha o escândalo. Ai meu Deus que menina pesada, pronto, agora você vai ficar comigo, você vai ver ela também tá? Eu sei que você quer participar também.

E: À vontade, fica tranquila. Então vou perguntar de novo, quantas gestações você já teve?

C: Essa aqui é a primeira.

E: E como é que foi a descoberta? Como é que foi o pré-natal?

C: Nossa descoberta foi bem intenso porque eu pensei que eu não podia engravidar. Porque eu já estava namorando ia fazer 9 anos e a gente nunca usou nada anti contraceptivo e nunca aconteceu nada. Aí um Belo dia, meu cabelo caindo, eu falei, vou ver o que é isso? Fui no Google dar aquela pesquisa básica e está lá má, alimentação, estresse, a gravidez. Eu falei: “imagina gravidez! Nunca! Eu devo tá estressada, aí fui pra farmácia e dei uma volta pra ver quanto que era vitamina para cabelo, passei o corredor de teste, peguei o teste. Sabe quando fica alguma coisa martelando assim na sua cabeça, vai, faz, vai, faz. Fui lá, peguei o teste, fiz e quase caí do coração, quase morri do coração. Eu falei: “meu Deus, e agora “? E eu entrei com o pré natal na semana seguinte, foi bem tranquilo.

E: Onde você fez o pré-natal no SUS, no convênio?

C: SUS

E: Como uma médica ou como uma enfermeira?

C: Médica

E: E como é que foi o pré Natal? Vocês conversavam? Você conseguia tirar dúvida?

C: Olha, porque no SUS você sabe. São muitas pessoas, muito atendimento no dia, então assim era coisa bem rápida. Mas as *perdas* (dúvidas) que eu tinha ela esclarecia. Era mais sobre o bebê mesmo, sobre o parto, tudo, mas assim essas dúvidas de parto ela sempre falou que era na hora que a gente ia decidir ser normal, se ia ser cesárea, e assim foi, mas todos os exames, todas as vacinas, tudo certinho, eu fiz.

E: E o parto? Você imaginava alguma coisa?

C: Foram 13 horas em trabalho de parto. Eles tentando induzir o parto normal, mas só que eu não tinha abertura.

E: Como é que era essa indução? Era uma droga que eles colocaram?

C: No soro, eles colocaram no soro. Que soro horrível, meu Deus do céu, nunca senti tanta dor na minha vida. Era soro, era aquele banho terapêutico; que eles falam. Foi 13 horas nessa

luta. Foram fazer o exame do bebê do coração e viram que tinha uma alteração e já me encaminharam para a cesárea.

E: Fizeram aquele negócio que coloca aquela cinta na barriga? Cardiotoco?

C: Isso! é puramente isso.

E: E como é que foi a amamentação lá, assim que você nasceu, alguém falou alguma coisa, alguém te explicou ou você se viu, pensando assim” meu Deus, estou sozinha e agora? Peito, criança, o que que eu faço agora?

C: Não teve orientação acho que da enfermeira responsável pela amamentação, ela sempre passava no quarto que a gente estava. Falando como fazer a pega. A importância de amamentar e de não acostumar ela com a pepeta (chupeta) e como a madeira, enquanto ela é pequenininha. Passou vídeo para a gente também, esclareceu também as dúvidas que a gente tinha.

E: E como é que foi o puerpério? É o período que a gente chama quando você chega em casa e dura bem uns 60 dias, aquela, aquele sangramento, aquela coisa?

C: É bem difícil, bem difícil, porque tudo novo. Ainda tinha a dor da cesárea. A minha sorte é que o pai dela, a empresa que ele tá tem aqueles dos 20 dias, de ficar em casa.

E: A licença paternidade que na verdade é um direito de todos os pais.

C: Isso aí. Ele acha que a empresa dele tem a parceria lá, que ele fez um cursinho e ficou mais 15.

E: Nossa que legal!!

C: Então é uma parceria que é uma das empresas tem, ele fez um cursinho, mandou o certificado, ele ficou 20 dias comigo. Foi o que me salvou.

E: É um cursinho que explica sobre amamentar, dar banho, como é?

C: Isso mesmo, foi muito legal.

E: E a amamentação nesse período, como é que foi?

C: Olha no começo nos 4 primeiros dias, tava até que indo bem, mas aí depois começou a rachar, começou a doer e eu falei “meu Deus, socorro”. Foi então que eu comecei a pesquisar para ver o que eu podia fazer. Eu descobri o bico de silicone. Eu falei, “compra esse bico de

silicone que vai ser a única forma de eu continuar dando uma mama (leite materno) para ela, foi o que me salvou, foi esse bico. Foi os 2, os 2 racharam.

E: E você continua amamentando ou você deu uma pausa?

C: Continuei, arrancava minha alma.

E: E como é para você ser uma mãe que não está nos padrões brancos. Você sente que existe uma diferença dentro do atendimento? Qual é a sua percepção em relação a você mesma? Como é que você se enxerga?

C: Olha assim, no meu caso, eu não tive muita diferença. Eu não senti muita diferença. A única coisa que o pessoal olha bastante, como eu sou um pouco mais escura que ela, que ela nasceu bem branquela, o pessoal fala, “puxou o pai né?” (*incomodo na fala*)

E: Geralmente é só esse tipo de comentário?

C: Normalmente é só esse tipo de comentário, mas nas consultas, no geral, eu não senti muita diferença não, não senti diferença na verdade.

E: E como é que é a sua rede de apoio? você falou que o seu parceiro esteve presente, ele participa das mamadas, ele divide tarefas como trocar roupa, dar banho, porque peito só você consegue. Existe uma sogra, cunhada, sua mãe, tia, avó, teve alguma mulher que está na sua rede de apoio que te influenciou, te ajudou?

C: Não fui, sou eu. Porque minha mãe é falecida. Eu perguntei pra ele se a mãe dele vinha ficar os 15 dias aqui com a gente, ele disse não, é só eu e você. A gente vai aprender tudo sozinho. Sozinho, assim, entre aspas, que a gente pegou muita coisa na internet também.

E: Mas não teve essa pessoa, essa mulher que de alguma forma ajudou? Nada, ninguém. Foi você e ele no bruto.

C: No bruto, aprendendo tudo na raça.

E: E você teve alguma orientação sobre amamentar? Assim você me falou que teve pouca coisa com no pré-natal. Quando você fazia as visitas no postinho no puerpério, elas te ensinaram como é que a pegada? Qual foi a orientação que falaram, como por exemplo sobre a alimentação, se sono interfere, qualquer coisinha assim

C: Ela (enfermeira) falou mais sobre a pegada mesmo, para fazer a pegada correta para não, dar cólica no bebê, para o bebê conseguir sugar certinho.

E: Isso no hospital ou no postinho?

C: No hospital. Mas você sabe que na prática é diferente. Na prática, a gente sempre tem obstáculos. Eu comecei a pesquisar pra ver como é que era a pega certa, porque realmente tava me dando muita dor. E ela não tinha engordado nos 7 dias. Falei “alguma coisa deu errado”. Pesquisei, vi vídeos, vi de perto como é que era a pega, foi que começou a melhorar, mas maioria foi tudo pela internet mesmo.

E: E o que significa para você amamentar?

C: No começo eu não achava muito bom por causa da dor no começo, mas assim é gostoso ver ela olhando para você, é muito bonitinho tudo, mas assim é difícil. É um momento de conexão. É difícil, porque parece que eles impõem que a gente tem que amamentar, que se a gente não amamentar a gente não é mãe, entendeu? Você é uma mãe que não se importa com seu filho.

E: Eles quem você se refere?

C: Aaa o pai dela. Eu queria introduzir a fórmula já para não ficar tão preocupada em voltar a trabalhar, ele falou que não, que tinha que dar de mamar, que era importante, que ela era muito novinha. Então eu vou continuar até onde dá, né? Até eu voltar a trabalhar. Quando ele chega aqui, ele vê eu dando agora a fórmula para ela, mas ele sempre falou, dá de mamar também, porque é importante, olha, eu sei que é importante. Ela tem que se acostumar com a fórmula, porque como é que vou voltar a trabalhar. Como é que eu vou ter o meu dinheiro? Você vai me dar seu dinheiro? Você não vai?

E: Muito bem ponderado isso.

C: Eu não quero depender de ninguém. Eu quero ter minhas coisas, eu quero comprar as coisas pra ela. Não quero depender de marido.

E: E como é para você estar amamentando? Quais são os sentimentos que você tem? O que passa na sua cabeça nesse momento?

C: Olha, para ser bem sincera, muito cansaço. Principalmente no primeiro mês que eles exigem demais. Então doía muito a minha coluna. A pega, a pressão de não é só mais eu que tem ela para cuidar agora, que ela depende só de mim, mesmo com um cara ali do seu lado fazendo as coisas, mas na madrugada é você que levanta. Dá de mamar e você fica 40

minutos, 1 hora amamentando; quando penso que vou dormir meia hora, 20 minutos depois, já está chorando querendo mamar de novo. Nossa, foi muito cansativo,

E: É uma fase punk, porque o estômago deles é minúsculo, nos primeiros dias, cada mamada, eles conseguem mamar 5 ml e eles ficam lá no peito, faz uma digestão super-rápida e quer mamar de novo. E a mãe está como? Não consegui ir tomar um banho.

C: No primeiro dia, eu só consegui tomar banho de madrugada. Era quando ela dormia mesmo, eu tomava um banho de 5 minutos e já voltava com ela berrando já querendo mamar. Eu misericórdia, Socorro, Deus.

E: E deixa eu te fazer uma pergunta um pouco mais delicada, fica à vontade, se você quiser ou não responder, mas com quanto tempo você perdeu sua mãe? Quantos anos você tinha?

C: Eu estava com 21.

E: Você chegou a conversar em algum momento com a sua mãe sobre como foi ela estar grávida de você?

C: Porque na verdade eu sou adotada. Às vezes, que eu perguntei para ela se ela tinha amamentado, ela falou que não, que ela não teve leite. Eu não sei o que ela dava para os meus irmãos que era mais época antiga. Ela falou que ela não aumentou e comigo foi só na mamadeira.

E: E em algum momento, para você, amamentar era uma coisa que você queria fazer por você não ter tido ou porque você acha que isso é importante.

C: Sim, eu sempre achei importante desde o começo eu falei, não, eu vou amamentar até onde ela quiser. Até onde ela aceitar peito, eu vou tá amamentando ela, não só pela proximidade, mas também pelos benefícios que traz. Eu falei:” não, ela vai ter tudo, toda a saúde que eu puder passar pra ela vai ter.

E: Carol, você quer me falar mais alguma coisa que você achou importante ou que em algum momento você falou “não consegui falar isso com outras pessoas porque eu achava que eu ia me sentir julgada e as pessoas não vão entender.”

C: Além do puerpério, de eu querer dar ela e não querer ser mãe?

E: Sim, tá valendo, tá valendo.

C: Eu não queria ser mãe, eu queria dar ela, não queria meu Deus, socorro, eu não quero ela. Eu chorava de madrugada, eu chorava sozinha. O pai dela, dormindo roncando o sono dos deuses, eu olhava pra cara dele, gente, como é que pode eu me debulhando? Chorava, eu chorava. Eu olhava para ela, eu, meu Deus, agora ela depende de mim, mas eu não quero socorro.

E: E você sabe de onde veio isso? Era o medo de ter que criar um ser humano do zero ou não sei o que fazer e agora?

C: Isso, porque você pensa, você vai criar uma pessoa. Uma pessoa que que você quer que ela seja uma boa pessoa, que que faça coisas boas, entendeu? Tem uma responsabilidade tão grande, sabe criar alguém. Essa pessoa, vai fazer alguma coisa aqui na terra, seja bom ou seja ruim. Tomara que seja bom. A gente cria para que seja bom um. E assim, a violência que está hoje em dia, esses negócios de pedofilia, sabe, você vê tanto internet na televisão. Acaba entrando um pouco em pânico e você pensa na sua vida também, no passado quando você não tinha tanta responsabilidade, que você saia hora que você queria, vou agora, entrava seu dinheiro, você fazia o que você queria. Agora, não. Agora é tudo ela. Que nem no começo pra ir no mercado eu achava tão banal no primeiro mês aonde o pessoal falava “vou no mercado” eu já “vou junto”. Preciso sair de casa. Preciso ver o Sol, gente, eu preciso ver sol, preciso ouvir barulho, sabe? Porque é tudo em torno, tudo em torno dela, vivendo literalmente, comendo, bebendo, tomando banho, dormindo de acordo com a demanda dela. Eu não quero só ouvir choro de neném e trocar fralda, eu preciso ver coisas diferente. A primeira vez que eu saí com ela foi só no mercado aqui da esquina, nossa, me senti tão bem. Tava um sol tão bonito, uma coisa tão boa, eu falei “ai, que bom”

E: E você tem alguma amiga que você consiga compartilhar essas coisas ou fica mais uma reflexão sua do dia a dia?

C: Além da Bia que a gente conversa bastante sobre isso, fica uma surtando de um lado, a outra surtando do outro. Eu tenho umas amigas também que acabaram de ter neném, elas sempre me perguntam as coisas, como é. Eu falo “calma”, eu já passei por isso, e acredita, vai passar.

E: Você virou rede de apoio dessas mulheres.

C: Isso. Acredita vai passar, calma, não queira dar seu neném. Vai passar, vai ficar tudo bem. Teve uma que mandou mensagem que o seio dela também rachou todo. Eu falei para ela,

“calma, calma”. Ela comprou bombinha. Vai utilizando a bombinha. Acho que tem, tipo uma curvatura no negócio da bombinha que o bebê pega, eu não sei exatamente como é que é. A eu bombinha, ela tá dando o peito, ela conseguia falar, nossa consegui, eu consegui.

Nat- depois rolou uma conversa aleatória de juntar as amigas para falar sobre frustrações e doar bebês.

2 - docinho.mp3

E: Idade?

T: 23 anos.

E: Ocupação?

T: Atualmente trabalhando de representantes de atendimento, telemarketing receptivo.

E: E você se autodeclara? Que cor?

T: Preta.

E: Orientação sexual e gênero?

T: Hetero... (risada)

E: Gênero seria feminino, masculino, trans, não binário... Entendeu? E

T: Feminina.

E: Casada?

T: Nãoooo, ainda não!

E: Não, não, mas você tem um parceiro que mora com você já lá.

T: aaah isso sim.

E: A primeira pergunta é quantas gestações você já teve? E aí eu queria que você me falasse um pouco do pré-natal, como é que foi? Se foi tranquilo, você conseguiu em todas as consultas se faltou, faltou em alguma me fala o porquê.

T: Não no meu pré-natal, conseguir todas as consultas, tive todos no acompanhamento, né? E só engravidei uma vez.

E: Tá, como é que foi seu parto?

T: O meu parto de foi muito cansativo porque eu achei que eu ia ganhar o meu filho no dia 13. Eles ficaram me enrolando muito. A médica tinha falado pra mim que minha bolsa estourou, porém, ela depois falou assim, que não, que não estourou, que era normal que eu estava com um dedo de dilatação e por isso não ia me internar. Porém eu estava perdendo um líquido estava sentindo muita contração, muita, muita contração e mesmo assim eu não saía de um dedo, então ela me mandou pra casa, o médico conversou comigo e com o Gabriel (companheiro). Porque o médico explicou pra gente por qual motivo ele não ia me internar. Por causa da dor que estava sentindo, e se eu sáísse, se eu pelo menos sáísse para ficar 3 dedos de dilatação ele ia me internar por aí, como eu tava com um

dedo, ele falou que poderia sentir dores na semana, poderia sentir dor até amanhã e por isso que ele me deu alta e me mandou pra casa. Aí fui pra casa né. Aí eu voltei no dia 14, porque assim que eu coloquei um pé em casa às 10:00 da noite, eu fiquei das 10:00 até às 7 sentindo dor. Só que eu delatei muito rápido. Só que eu fui só às 7 da manhã porque eu estava com medo de chegar lá e estar só com um dedo e eles não querem me internar. Aí eu fui no dia 14, cheguei lá a mulher falou que eu já estava com 9 dedos. Eles fizeram, foi até tranquilo, viu! Prepararam tudo, só que eu ficava gritando muito, aí teve anestesia, (eu) chorava, queria levantar, mas eles não deixavam levantar, pedia para eu me acalmar que quanto mais eu gritava, eles viam meu sofrimento ali, mas deixava eu ali.

E: Deixavam você de canto?

T: É, até que foi um momento que o médico chegou, pediu para eu fazer força, pediu pra eu ficar calma, pediu para eu não gritar e me levou pra sala do parto. Aí chegando lá, ele viu que eu já estava sem força, porque eu já estava sem força no dia 13 e quando eu cheguei já no dia 14 de manhã, eu não tinha força completa e ele pediu para fazer força, não conseguia. Aí foi o momento que ele perguntou se ele poderia fazer o corte. Aí como ele já dizia que estava assim (sem força).

E: Pro Gabriel, o pai do bebê, que ele perguntou?

T: Não. Ele perguntou para mim, ele nem chegou à pergunta pro pai, perguntou pra mim.

E: Há tá? Se você queria fazer aquele corte lá na vagina, é isso né?

T: Isso. Perguntou se eu queria porque realmente ele pedia para fazer força, eu não conseguia mais fazer força. O médico sugeriu: se você quiser, a gente faz o corte pro seu neném sair mais rápido, porque a cabeça dele está aqui, só ficou quanto mais eu tô pedindo pra você fazer força, você não está fazendo **a força que eu quero**, aí eu permiti ele fazer o corte.

E: E como é que foi a recuperação em casa, que a gente chama de puerpério?

T: Foi é horrível.

E: Onde você ficou? Você ficou na casa da sua mãe, você ficou na casa da vó?

T: Eu fiquei em casa.

E: E que e como é que foi? Foi de dor, foi de desconforto? Emocionalmente, como é que foi para você?

T: Foi muito desconforto, porque praticamente no meu próprio parto, fiquei sozinha. Então, tipo, eu não tive ajuda do pai do bebê. Não tive muita ajuda do pessoal da família, porque todo mundo estava fazendo a suas *funções* (gíria). Só minha mãe que nos dias que ficava em casa vinha me ajudar. Limpava um pouquinho da minha casa, me ajudava com o Gui (Filho da Thaís), mas o período que eu ficava sozinha era muito horrível, tanto que um dos meus pontos abriu.

E: Mas chegou a sair secreção, alguma coisa assim, ou só abriu pelo esforço que você fez?

T: Só o pelo meu esforço.

E: Não deu nenhuma complicação depois?

T: Não.

E: como é que foi a amamentação? Qual foi o momento que você pensou amamentar? Você já estava gestante? Ou nasceu, e você pensou “agora eu preciso alimentar esse pequenino ser? E é com o meu peito?”. Como é que foi isso?

T: Foi na hora que nasceu porque, quando eu tava com ele na barriga, eu pensei assim: “Mano, eu acho que eu não vou dar (no sentido de produzir) leite. Como esses limõezinhos (se refere ao tamanho das mamas) vão dar leite. Foi na hora que ele nasceu que eu decidi -“vou tentar, vou arriscar”, pra ver se vai. Aí foi mais na hora que ele nasceu.

E: E como é que foi a pegada? Te explicaram no hospital como era a pegada, colocaram ele no seu peito? Como é que foi?

T: Não. Quando eu peguei ele, a auxiliar do médico apertou o bico do meu peito para ver se tinha é o colostro que fala?

E: Isso, o colostro é o primeiro leite.

T: Ela apertou ela e falou “Tem”. Já me jogaram na sala pra eu subir pro quarto, depois, uma enfermeira que estava servindo coisa pra gente comer. Eu falei para ela me explicar como é que faz, né? Ela pegou, falou assim, “não pega aqui o seu peito, você coloca ele assim, não deixa, que pega, ele vai conduzir você”. Ela me explicou direitinho. Depois ela saiu, mas na hora que eu tive ele, ninguém explicou.

E: Depois que ele pegou você teve algum problema? Doeu, foi uma coisa incômoda? Como é que foi para você isso?

T: Eu tive um problema. Eu acho que 2 semanas dele (pós-parto) que meu peito começou a rachar.

E: Você continuou amamentando? Você parou por um tempo?

T: Não, continuei amamentando, só passava aquelas pomadas, pra aliviar na rachadura e pra continuava a dar leite pra ele.

E: E para você, como é que é ser uma mãe preta? Você acha que existe diferença? Você acha que na maternidade ou outro momento existe diferença? O que simboliza isso para você, quando você pensa nisso?

T: Eu vou falar pra você que é um pouco difícil. Eu falo em questão do meu emprego. É , eu vejo muitas diferenças, na questão, eu, mãe preta, tem um filho e o que o povo ainda fala assim “nossa, você é nova e já tem filho, você tem que estar ali para exercer sua função, tem que esquecer seu filho. No começo quando entrei no meu serviço eles me tratava muito diferente. Eles não imaginavam que eu tinha um filho, e se eu tivesse filhos e se eu falasse que eu tinha filho, eles não deixariam eu entrar. Eles falavam que a gente tinha que deixar o mundo lá fora, os filhos lá fora e fingir que a gente não tem filhos, mas eu não conseguia. Porque que a mãe branca que está aqui tem a mesma função que eu pode ter um tratamento diferente que eu. Hoje em dia, já não é mais assim, por conta da minha troca da minha nova supervisora, mas eu acho muito difícil.

E: Você falou um pouquinho da sua rede de apoio, no período da amamentação em casa, você, você chegou a conversar isso com a sua mãe, com a vó, ou com a tia Josy?

T: Não.

E: Foi você e você? E o Gui e o peito?

T: A vó era assim “nosso coitado do menino deve tá com fome. Dá peito pra esse menino. Esse menino tá com sede. Dá peito pra esse menino Thais”. Não tinha conversa com a avó e com a tia Josy era a mesma coisa; “bota o peito na boca e deixa eu ir no chupar”.

E: E o que significa amamentar para você? Porque vocês se conheceram fazia pouco tempo, o Gui era uma pessoa nova, ele estava se descobrindo, você também estava se descobrindo, descobrindo ele. Como é que foi isso? Qual o significado que isso tem para você? Na relação de vocês dois.

T: Para mim, eu achei que foi uma conexão muito forte. Porque desde o que eu descobri que eu estava grávida dele, eu ficava pensando assim “meu Deus será que vou conseguir amamentar? Será que realmente vai sair leite do meu peito? Será que eu vou ter que gastar dinheiro pra compra fórmula e essas coisas? Esse menino vai crescer , e vai ver todo mundo que mamou no peito e vai me perguntar “Mãe porque a senhora não me deu peito. Pra mim foi uma conexão muito diferente pra mim, sabe? Eu não imaginava. Eu não imaginava. Eu tenho até um vídeo no Instagram de quando ele pegou no meu peito pela primeira vez, assim à noite, eu fiquei pensando –“Cara que conexão, que coisa maravilhosa!”. Se alguém me contar como é a amamentação, antes de ser mãe eu iria falar que era loucura, mas depois que eu virei mãe, é uma conexão incrível. Óbvio que eu nem como explicar. Esse é um momento de vocês 2 .

E: Você já conversou com a sua mãe sobre como é que foi a sua amamentação quando você nasceu ou como é que foi a sua gestação?

T: O que eu lembro da minha mãe ter falado pra mim, sobre a minha amamentação com ela, é que elas fala que não teve leite. Ai, minha tia teve que me amamentar. Quando eu nasci lá em Minas.

E: Qual tia?

T: A minha tia Ana Maria, quando nasci.

E: Mas você tem contato com ela?

T: Só de vez em quando.

E: E sobre a sua gestação?

T: Não, porque até então pessoal de família do meu pai, não sabia que estava grávida.

E: Não, quando a sua mãe estava grávida de você, o que que ela falou da gestação dela quando ela estava grávida de você, com você dentro da barriga dela. E quando ela tinha amamentou?

T: Aaaa é porque se eu falar, vocês vão querer contratar um psicólogo pra mim.

E: Quanto mais detalhe, mais emoções, melhor. É nesse ponto que eu quero chegar

T: Pelo que me falaram, a minha mãe, ela não queria ter mais outros filhos e quando eles foram viajar, meu pai no mesmo dia já em Minas, um homem chegou e falou assim, “oh você vai ter uma menina e a menina vai ser assim, assim, assim, assado, o homem sonhou comigo e sonhou comigo atualmente como eu estou e nisso minha mãe não aceitava a minha gravidez. Minha mãe falava “Não gostei. Essa menina que não sei o que. Ela não aceitava a gravidez.

E: E depois?

T: Ela descobriu que tava grávida e meio que me rejeitando mesmo. Ela falava que não queria, aí meu pai falava que queria, não sei, né? Nunca procurei isso, se é verdade também. Mas não sei quem foi que me falou que ela já tomou o remédio abortivo. O que eu sei de detalhes quando ela estava grávida de mim, ela não me aceitava, ela queria aceitar a gravidez.

E: E amamentação? O lábio leporino influenciou alguma coisa na pega ou em outro ponto?

T: Então dá amamentação, o que eu me lembro que ela tinha me falado é que ela não teve leite, então meio que ela me passou para minha tia lá de Minas, aí ela chegou a me amamentar. E com forma eu fui e pegando madeira depois, só isso eu lembro.

E: A última pergunta é qual a relação de você, com as mulheres mais velhas da família? E como essa relação influenciou na sua amamentação?

T: Acho que a vó mesmo, a vó. “Dá a leite pra este menino que tá com fome e não sei o que.

E: e a água?

T: E água também, que eu virava as costas e eu falava –“ Não dá água “ aí eu ia ali na esquina, quando eu vejo ela dando a água de colherzinha pro menino

E: Você quer falar mais da vó ou da tia Josy?

T: tia Josy ela foi muito assim, avó também. A tia Josy ela falava assim, que tudo que eu comia influenciava no meu leite. Por exemplo, uma vez eu tomei refrigerante e o Guilherme não parava de chorar e eu não sabia se era cólica, não sabia se era, sei lá. Ela (tia Josy) falou assim, qual foi a última coisa que você tomou? Eu respondi- “Coca”. Ela (tia Josy) corre agora pra você comprar essa tal fruta? Que essa fruta vai ajudar e depois vai ajudar o menino que tá com cólica por causa do refri. Ela até tinha me dado dinheiro pra eu comprar mamão, pra ajudar o menino, da tia Josy foi isso.

E: E sua mãe?

T: Eu nunca cheguei a conversar com ela sobre amamentação.

E: E ela nunca quis dar um pitaco?

T: Não.

T: De todos, os únicos que palpitou foi a vó e a tia.

E: E o Gabriel (pai do bebê) nunca perguntou nada?

T: Não.

E: No puerpério, ele quis ver alguma coisa? Porque fica sangrando por um tempo, rolou esse interesse?

T: Ele só viu a parte que costuraram. E ele perguntou, como é que estava e como estavam pontos, porque meus pontos abriu. Ele chegou a ver, mas depois disso.

E: E como é que é a divisão de tarefas entre vocês?

T: Há uma divisão entre mim e ele, porque fica assim como eu trabalho das novas é 9 até as 15:20, então, das 15:20 até a hora que ele chega, eu fico com o Gui , na hora que ele chega ele que dá comida pro Gui, às vezes ele dá banho e coloca para dormir. Dia de sábado que ele (Gabriel pai do Guilherme) não trabalha, na verdade de sexta até domingo é ele que fica com o Gui. Porque o Guilherme, quando ele me vê, ele não sai mais do meu peito, ele só sai do meu peito só pra tomar banho, dormir ou quando o pai dele chega. Aí temos aquela divisão, eu fico com mais tarefas do Guilherme e ele fica só ali no restinho da noite e de sexta até domingo, ele faz mais coisas do que eu, trocar ele, levar ele (Gui) pra mãe dele (Mãe do Gabriel-pai) ver, dar banho, assistir, brincar, nisso agente tem uma divisão daora.

E: Você acha que ter essa recordação, essas falas de terceiros em relação à sua amamentação, você acha que isso influenciou a forma que você queria amamentar o Gui. Quando você descobriu esse momento, você falou acho que é importante e eu quero continuar amamentar ou era um bloqueio? O que que você sabe sobre amamentação?

T: Foi mais o que eu pensei mesmo. Eu penso em dar peito pra ele até 2 anos

E: E por que 2 anos?

T: Porque eu acho que é o recomendado e é o que eu desejo ou eu pretendo deixar ele até os 2, ou até onde der. Pretendo tirar ele, porque eu escrevi ele na creche e não sei como é que vai ser minha rotina. Se ele for pra creche eu tento tirar ele antes, se ele não entrar na creche esse ano e entrar no próximo eu vou tirar. Foi mais meu pensamento mesmo

E: Você quer falar mais alguma coisa que você acha importante ?

T: Ai, só isso. Eu gostei, gostei.

Entrevista 3 - Paloma

E: Paloma, eu gostaria que você me falasse o seu nome completo.

P: Meu nome completo É Paloma Jesus Santos.

E: Qual é a sua idade atualmente?

P: Eu tenho 21.

E: E você trabalha com o que hoje?

P: Atualmente eu trabalho com marketing, trabalho numa empresa registrada.

E: Você se autodeclara?

P: Na certidão está parda.

E: E você se identifica como mulher, como trans, como não binária...

P: Como mulher mesmo.

E: Orientação sexual você se considera hétero, bissexual...

P: bissexual.

E: Atualmente você tem algum parceiro?

P: Há mais ou menos. Tá meio complicado aí.

E: Seu estado civil hoje é solteira?

P: É.

E: Quantas gestações você já teve?

P: Tive uma gestação.

E: Você lembra como foi a descoberta da gestação? Como foi as consultas do pré-natal?

P: A descoberta foi por causa da menstruação atrasada. Eu fiz o teste lá, tudo certinho, deu positivo, fui no posto para poder fazer o encaminhamento para o pré natal e não tive problema nenhum com o pré natal. Graças a Deus eu fiz tudo pelo sus. Porque na época não tinha convênio e deu tudo certo, e a médica que me acompanhou era normal e tranquila. Então, graças a Deus não tive problema nenhum.

E: Quem fez o seu pré natal foi uma médica e não uma enfermeira, é isso?

P: Não foi um. Uma médica mesmo.

E: E vocês falaram sobre amamentação em algum momento?

P: Não. O que eu soube assim por amamentação foi pesquisando mesmo porque no SUS eles não instruíram em nada.

P: Como foi seu puerpério? Que são esses dias após o parto. Como é que foi? E como que foi o parto também para você? Você acha foi do jeito que você pensou, foi muito diferente? Você teve alguém ficou com você durante todo o parto, quais foram as emoções que você sentia? Se você sentiu sozinha?

P: O parto da minha filha ele teve que ser induzido porque eu estava com a plaqueta baixa e eu não poderia ir pra cesárea, mas eu sempre quis normal mesmo, foi tranquilo, na gravidez eu estudei muito sobre o parto, as coisas que poderiam acontecer. O pai da minha filha ficou comigo o tempo inteiro. Eles só mandaram ele embora depois que o bebê nasceu. Que não podia ficar, mas foi tranquilo. Durou, muito, mas tipo assim, foi do jeito que eu esperava que. seria a mesma, graças a Deus.

E: E quando você chegou em casa, como é que foi?

P: Em casa eu tive bastante ajuda da minha mãe. Quando o pai da minha filha, eu tive que tomar ponto, então, nos primeiros 15 dias, assim ficou um pouco mais complicado, não conseguia ficar muito tempo em pé que estava com dor.

E: Foi cesárea ou foi normal.

P:Foi normal, mas eu tive que tomar ponto conta por que eu tive que fazer o corte, minha filha, não passou.

E: E você pode me explicar mais ou menos como é que foi? Foi uma coisa que você pediu ou foi uma coisa que a equipe médica te ofertou? Como é que foi esse corte?

P: Durante minha gravidez eu já esperava que ela não fosse passar mesmo, mas no dia do parto, o médico, ele falou comigo, ele falou assim, "olha, a gente pode tentar, que ela passe normal e ela mesma faça um corte, o rasgo ou a gente pode cortar pra poder facilitar". Como eu já estava com muita dor, eu autorizei eles cortarem. E eu sei que o corte hoje em dia ele é considerado violência obstétrica. Eu estudei sobre isso, mas eu já estava tão cansada que eu falei, "não pode cortar, eu autorizo", mas foi tranquilo. Eu acho que foi até melhor do que se ela mesmo tivesse rasgado, porque eu estava fazendo força e porque ela não saía de jeito nenhum.

E: E você sabe me dizer se você lembra qual posição você estava? se você estava deitada de pé? Deixavam você ficar na posição que você queria?

P: Eu estava deitada, aí eles levaram para a sala de parto normal, a enfermeira falou assim” olha, a gente normalmente faz o parto na, na própria cama e coloca os pés, assim como se fosse uma consulta ginecológica. Pra mim eu vi que era uma posição que eu estava confortável, tinha onde eu apertar, porque eu estava querendo apertar as coisas, então foi tranquilo, mas eles falaram que se eu quisesse tentar de outro jeito, eu poderia falar que eles me ajudavam a levantar.

E: E o puerpério?

P: No começo, assim foi um pouco esquisito, Porque é uma outra pessoa que está ali e eu sentia bastante dor, eu passava o dia sozinha, minha mãe e o pai da minha filha trabalhava, mas durante à noite eles estava em casa para poder me ajudar. Então eu tentava deixar tudo perto pra não ter que ficar indo pra longe, mas assim foi tranquilo, senti bastante dor, mas foi de boa.

E: A amamentação foi como pra você?

P: A amamentação no dia que ela nasceu eles fizeram um exame lá, pra ver se podia amamentar, não sei o porquê, mas eles falaram que não pode. Depois deu tudo certo e a enfermeira veio me mostrar como é que era, ela me mostrou mais ou menos assim por cima como que e eu sentia muita dor pra amamentar eu não coloquei aquele bico de plástico que a maioria das mães colocam para poder formar o bico. Porque eu não tinha, eu só falei, vou tentar. Normal, minha filha pegou bem o peito. Ela mesma foi movido depois não precisou, mas assim machucava muito, porque como era direto, eu não tinha esse negócio de bico de plástico um pedaço do meu peito caiu. Foi assim bem complicado. Eu fui no nas consultas que tem após o nascimento do bebê, aí a médica me passou uma pomada certinho, mas não adiantou muita coisa não, foi só o tempo mesmo que foi resolvendo.

E: E você parou de amamentar nesse período desta rachadura? Teve esse momento de dor incômodo ou você se manteve amamentando?

P: Não continue amamentando, porque a minha filha em nenhum momento ela tomou fórmula. Ela não aceita até hoje, ela não toma leite. Até hoje eu amamento. Estou começando a tirar agora.

E: Quanto tempo? Quanto tempo ela tem?

P: Ela tem 1 ano e um mês.

E: E como é pra você dentro da sua percepção ser uma mãe parda, ou melhor não ser uma mãe dentro do padrão branco. Você acha que isso tem alguma interferência? Você já observou se tem uma alguma distinção? Como é para você?

P: Pra mim é normal, é que na certidão está como parda, mas as pessoas me consideram uma mulher branca, então eu nunca tive nenhum problema em relação.

E: O que significa amamentar para você?

P: Amamentar pra mim é uma coisa muito boa. Foi principalmente assim, depois que. Parou de doer? Né? Depois do primeiro mês, assim foi ficando mais tranquilo. É algo tipo que eu acho algo muito bonito, porque, querendo ou não, é uma conexão que a gente tem com os nossos filhos. E para mim, é uma pessoa muito boa. Eu estou começando a tentar tirar agora, por conta da minha filha. Mesmo porque, tipo de madrugada, ela ainda acorda muito, mas se não fosse por isso, ela a amamentaria até os 2 anos sem problema. Que eu acho uma coisa muito boa.

E: E você já conversou com a sua mãe? Como que foi a gestação dela de você? E como é que foi a sua amamentação?

P: A gente já conversou sobre isso. Quando eu tava grávida. A gestação dela foi tranquila. Ela. Ela me teve como parto cesária, porque ela tem pressão alta, mas ela não amamentou porque ela não tinha leite. Ela tentou nos primeiros dias, mas aí uma vizinha viu que eu chorava muito, então a vizinha foi no mercado, comprou um leite. Na época se deveria ser qualquer um, porque nesta época não tinha leite de fórmula Lá em pó qualquer e deu para mim, e depois eles descobriram que eu estava com fome, aí se minha mãe fosse na médica, tudo certinho ia demorar. Depois a médica realmente falou que ela não tinha leite e no meu caso teria que ser por fórmula mesmo, mas é tranquilo. Ela falou que ela tentou, mas não teve leite e aí ela comprou, começou a comprar o leite mesmo de farmácia.

E: E como foi a sua gestação? A sua mãe grávida de você, como é que foi? Foi tranquilo. Ela esperava estar grávida, foi uma surpresa?

P: Não foi planejada. Ela ficou super surpresa também, mas ela falou que foi super tranquilo, que meu pai dava todo apoio pra ela, porque ela precisava. Ela tinha família perto também às irmãs dela morava perto, então ela falou que foi uma gestação super tranquila. Ela só não teve o parto normal, mesmo tanto que ela não queria quanto por pela pressão alta, mas de resto ela falou que foi super tranquila.

E: E qual é a relação a sua relação com as mulheres mais velhas? Como por exemplo sua avó, tias, além da sua mãe em relação à gestação, a amamentação. Elas se envolveram de alguma forma? Ou davam dicas ou pitaco, como é que foi isso?

P: Eu tenho mais avó viva, desde quando era criança, então não sei, e as minhas tias, bom todas elas tiveram parto cesárea, então o que elas instruíram, era pra eu pedir uma cesárea, mas eu não queria de jeito nenhum, por conta da recuperação em si que eu acho muito complicada não queria. Já na amamentação de todas as minhas tias, só 2 amamentaram, as outras não tinham leite também. Pelo que eu conversei, a gente conversou com mais tudo e por cima, assim mesmo. Elas falaram que nos primeiros dias, você vai saber se você tem leite ou não. Na própria consulta mesmo quando bebês nasce, acho que é 7 dias, tem uma consulta com a médica, e ver o peso tudo certinho e vai te falar que se você está conseguindo amamentar certinho, mas foi basicamente isso. A gente não teve muito contato.

E: A sua mãe já falou alguma vez se sua avó instruíla de alguma forma?

P: Não. Quando a minha mãe me teve a minha avó, ela 9avó) não morava em São Paulo. Ela morava lá na Paraíba, então elas não tinham muito contato sobre isso. Minha vó veio me conhecer quando eu tinha uns 5 anos.

E: Sobre as orientações sobre amamentação, você teve esse primeiro contato com a médica. Teve alguma coisa com a sua mãe que a sua mãe falou que ela não tinha leite, mas você teve alguma vizinha ou alguém como a sua sogra pode ser sido uma influência? Se na época tinha essa relação, conseguia conversar com ela, cunhada, ou outras mulheres que teve essa interação, ou não era um assunto?

P: Não, não. Não conversava muito sobre isso não, porque eu vi sobre amamentação mesmo era porque eu pesquisava na internet para quando a bebê nascer eu saber alguma coisa, mas por fora, assim, eu nunca conversei com ninguém.

E: E o seu parceiro perguntava como é que era uma amamentar? Ele acompanhava você durante as mamadas? Você sentia que tinha essa parceria?

P: Não. Então ele me ajudava bastante. Ele perguntava porque ele via que toda vez que eu ia colocar ela para mamar, eu sentia muita dor. Ele percebia, tanto é que ele foi atrás pra poder comprar pomada e tudo mais. De madrugada eu não fazia questão que ele acordasse porque ele trabalhava cedo, e ele já dormia pouco, mas a minha filha nunca acordou muito, ela acordava 1, 2 ou 3 vezes só, na madrugada, só ela mamava, colocar ela para dormir de novo, mas durante o dia ele me ajudava sim. Ele perguntava se estava tudo bem, se eu estava precisando de alguma coisa, mas foi isso, foi tranquilo.

E: Você quer me falar mais alguma coisa que você acha que foi importante?

P: Eu acho que não.